

# Casablanca

DOMINGOS BARROSO DA COSTA E FLÁVIA BERNARDI

A última cena de *Casablanca* evidencia a intensidade da surpresa de Ilsa diante da decisão de Rick: despachá-la de avião, junto ao marido.

Rick, personagem de Humphrey Bogart, faz uma renúncia ao amor, enquanto Ilsa, eternizada com o rosto de Ingrid Bergman, vê desabar seu sonho de retomar o que tinha perdido para sempre quando abandonou seu amor, alguns anos antes, numa plataforma chuvosa — por meio de um bilhete cujas palavras se desmancharam na tormenta. Esse destino do casal se revela na cena final, embalada pela imortal “As time goes by”,<sup>8</sup> sendo desvelado pelas palavras trocadas pelos personagens num aeroporto sombrio:

— *E nós, Rick?*

— *Nós sempre teremos Paris!*

Quanto a nós, teremos sempre *Casablanca*, filme que trata do amor que arrebatou e que guarda uma esperança, filme que traz “sempre teremos Paris” como uma verdade que, identificada com o amor, poderia ser a arma a nos defender (ou a defender algo) das destruições. O amor, nesse contexto, é tomado como o que pode nos mover, impulsionar... como aquilo que carregamos conosco: marcas mnêmicas, representações, arranjos pulsionais, tudo aquilo que vai nos guiando e identificando.

A película, assinada pelo diretor Michael Curtiz e lançada em 1942, em pleno período de guerra mundial, apresenta um amor em meio à guerra e um protagonista que não se furta ao engajamento no conflito. Rick Blaine não é um partidário declarado — sua maior luta é contra o amor que um dia lhe fez órfão —, mas, mesmo longe dos palanques e pronunciamentos, sabe bem o lado em que deve estar: deixa claro, a seu modo, seu desprezo aos patriotas e aos evangelizadores.

No ano de 2022, fomos postos à prova... fomos convocados a nos haver com nossas verdades. Tal qual Rick, não precisamos ter uma bandeira tre-



Casablanca. Direção: Michael Curtiz

mulando pelas ruas, mas temos que saber o que vamos defender, as causas pelas quais devemos lutar — atentos à história, às repetições, servindo à ética e à ciência que sustentam a psicanálise (o que, de certa forma, é um dever preestabelecido, uma condição ao ofício de ser psicanalista: não é uma escolha, é uma obrigação).

A psicanálise se oferece para nós como desidealizadora e, na medida do contexto do filme que abordamos, se oferece também como um pensamento decolonial: abre-se a uma pluralidade de vozes e caminhos, desconstrói o império da razão e dá vez — e voz — às terras “distantes”, tanto exóticas quanto familiares.

Qual é a “nossa Paris”? Onde foi que vivemos nossas histórias de amor mais marcantes? Que marcas guiarão nossas passagens pela vida, pela clínica, por processos eleitorais, por posicionamentos frente a situações que incitam o ódio e dão espaço à barbárie? E nossas verdades, onde ficam em situações “de guerra”? Onde estão nossos ideais e afetos enquanto se disputam verdades, ou, de outro modo, para onde nos levam as palavras que nos chegam em meio à tormenta?

“Então, que quereis?”, interpela-nos Maiakovski enquanto o cheiro de pólvora nos persegue até em casa, assombrados ante a descoberta de que, nos últimos cem anos, pouco de novo há “no rugir das tempestades”. Deveras, “o mar da história é agitado” e, estando entre ameaças e guerras, pandemias e pandemônios, conforta-nos ainda termos o amor como refúgio. Afinal, segue valendo a canção: as coisas fundamentais permanecem apesar do tempo que passa... Dá até para assobiarmos lembrando Sinatra: “the world will always welcome lovers as time goes by”.

<sup>8</sup> “As time goes by” é uma canção escrita por Herman Hupfeld em 1931. Elliot Carpenter deu música e voz à canção em *Casablanca*, apesar de os créditos terem ficado com Dooley Wilson, que interpretou o pianista Sam.